

O romance da cidade da Bahia – e do Brasil

[*The novel of the city of Bahia – and Brazil*

Regina Zilberman¹

[PAIXÃO, OSB, dom Gregório; LOSE, Alicia Duhá (Coord. geral). *Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*. Editando 430 anos de história. Salvador: Memória&Arte, 2016. 5 v.

1. Em um de seus mais conhecidos sonetos, o parnasiano Olavo Bilac sugere a um poeta: “Longe do estéril turbilhão da rua,/ Beneditino, escreve!”. Na sequência, os versos sublinham a necessidade de isolamento e concentração, associada a um trabalho rigoroso com a palavra: “No aconchego/ Do claustro, na paciência e no sossego,/ Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!”².

Olavo Bilac pôde recorrer à imagem dos monges beneditinos, que, no silêncio do claustro, serenamente estudam ou escrevem, porque foram aqueles sacerdotes que, com amplo reconhecimento, encarregaram-se da conservação da memória e da cultura da humanidade. Com efeito, desde a fundação da Ordem de São Bento, no século VI, a educação e o ensino estiveram no horizonte das atividades de seus membros. Durante a Idade Média, os mosteiros beneditinos tornaram-se centros culturais, suas bibliotecas abrigando as obras remanescentes da Antiguidade. Não surpreende, pois, que a Universidade de Paris tenha se expandido a partir da Abadia de Cluny e que Umberto Eco, quando redigiu *O nome da rosa*, tenha situado a ação do romance em volta à biblioteca de um fictício mosteiro beneditino, imaginado a partir da tradição medieval de saber que emanava daquelas construções.

ZILBERMAN, Regina. O romance da cidade da Bahia – e do Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 65, p. 238-243, dez. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi65p238-243>

1 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil).

2 BILAC, Olavo. A um poeta. In: _____. *Poesia*. Org. Alceu Amoroso Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1959, p. 92.

Os primeiros beneditinos chegaram ao Brasil em 1581, edificando em Salvador, em 1582, o mosteiro que inauguraria a trajetória da Ordem no continente americano. Desde os anos iniciais, o mosteiro contava com respeitável biblioteca. E, coerente com o princípio de os mosteiros se apresentarem como “mantenedores da cultura eclesiástica e civil”³, como afirmam dom Gregório Paixão, OSB, e Dênia Gonçalves, o da cidade da Bahia não deixou de incorporar um Arquivo Histórico e responsabilizar-se pela guarda de documentos em que se registravam propriedades e fatos relativos à vida naquele local e nas regiões próximas. Esse material veio a formar os volumes de Livros do Tombo que, até recentemente de acesso muito restrito, foram publicados em formato de livro, em escrita legível de imprensa, e em formato digital, com transcrição linha a linha.

2. Os Livros do Tombo originais compõem-se de seis volumes, com desigual dimensão e número páginas. Neles, consta a transcrição, em manuscrito, da documentação que circulou entre 1552 e 1913, nas regiões das capitanias da Bahia, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Ilhéus, Rio de Janeiro e São Vicente, equivalendo hoje, pois, ao território que se estende do estado da Paraíba ao de São Paulo, quase sem descontinuidade.

Os volumes originais são fontes primárias em, digamos, estado puro e facultam o entendimento não apenas dos episódios de ocupação, povoamento e expansão territorial do Brasil, como também de organização familiar, rituais de vida e de morte, distribuição da propriedade, no período coberto pelos documentos. E ainda mais: favorecem o conhecimento das genealogias, o exercício do poder colonial, a atuação de figuras públicas no âmbito da política, da cultura e da religião. Isso no que diz respeito a seu conteúdo. Mas eles propiciam a compreensão de formas de tratamento, normas de composição de linguagem, modos retóricos de abordar questões complexas relativas à divisão das terras, à apropriação de heranças, à aceitação da morte. Questões dessa natureza, por sua vez, não são sempre idênticas, e os documentos proporcionam a localização das transformações históricas, quando

3 PAIXÃO, OSB, dom Gregório; GONÇALVES, Dênia. Adormecidos no colo de uma estante. In: PAIXÃO, OSB, dom Gregório; LOSE, Alicia Duhá (Coord. geral). *Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*: Editando 430 anos de história. Salvador: Memória&Arte, 2016, v. I, p. 23.

elas sucedem, ou das continuidades, quando as ocorrências revelam-se rotineiras. Assim, estabelece-se um gênero de discurso associado à maneira de redigir dos tabeliães e seus representantes, que se enraíza na língua empregada no Brasil pelos que exercem aqueles cargos e que se converte no chamado estilo bacharelesco, tão frequente ainda hoje, e que, desde a geração de Machado de Assis, com o decisivo aporte irônico desse escritor, torna-se objeto de sátira ou de paródia.

Por último, e não menos importante, os Livros do Tombo apontam para um modelo de suporte documental que não pode ser ignorado. Os registros valem-se de determinada espécie de papel, emprega-se certo exemplo de letra cursiva, os tabeliães utilizam tinta com características específicas, estas sendo inclusive responsáveis pelas dificuldades de identificação das palavras originais e pela deterioração do fundamento físico. Há aqui uma segunda história narrada, a da transmissão da palavra escrita à época anterior à difusão dos meios tecnológicos de impressão tipográfica, sinalizando o que representava manter documentos destinados ao futuro diante de tal precariedade.

Nunca é excessivo sublinhar a relevância dos Livros do Tombo não apenas enquanto documentos e fontes primárias, mas também enquanto matéria-prima de uma história que extravasa o assunto que expressa. O olhar de nosso tempo, esgotado o entusiasmo com a modernidade e com seus frutos, esses muitas vezes assinalados pela incompreensão da alteridade e pela barbárie, tem-se voltado, curiosamente esperançoso, para o passado, na busca das raízes, dos momentos de ruptura, da compreensão do que aconteceu e do que poderia ter sido diverso. Os Livros do Tombo podem oferecer várias e profundas respostas, que falam de nosso povo ao longo de vários séculos.

3. A reedição dos volumes dos Livros do Tombo mostrava-se, pois, necessária e urgente. Contudo, a execução de uma tarefa de tal natureza e envergadura requer um conjunto de medidas, a começar pela invocação da paciência beneditina a que se refere Olavo Bilac em seu famoso soneto. É um processo que demanda tempo, dedicação e vocação, exigências, como se vê, próprias a quem opta pela atividade sacerdotal. Nada mais perto dessa que o desempenho do pesquisador incumbido de lidar com fontes primárias. Com efeito, há um tanto de sacerdócio na ação das pessoas que elegem o exercício do labor científico: cabe acreditar no trabalho executado, ainda que não se tenha certeza de que os resultados previstos serão alcançados; há que tomar alguma distância do “estéril turbilhão da rua” lembrado pelo poeta parnasiano; torna-se necessário operar coletivamente, ignorando preferências ou ambições individuais.

A natureza coletiva e plural da pesquisa, especialmente quando se trata de lidar com fontes primárias, não se materializa, porém, sem apoio institucional. Eis outra exigência: buscar o endosso público representado pela universidade, a academia, as agências de fomento. E todas essas carregam consigo a hipótese para garantir a concretização de outro dos pleitos: o financiamento.

Pesquisar não é barato, independentemente do significado que se dê a esse adjetivo. Tem um custo existencial, porque envolve parte – e talvez parte bem substancial – da vida dos pesquisadores. E supõe muitas despesas, nem sempre disponíveis no âmbito

das instituições em que atuam as pessoas encarregadas do trabalho de investigação científica. Agências de fomento justificam sua existência desde esse patamar: elas cooperam, com auxílios financeiros e recursos humanos, para o desenvolvimento das etapas relativas às descobertas e arranjo dos dados. Mas dificilmente bastam quando se trata de conferir visibilidade ao produto obtido. A busca de financiamento é igualmente uma ocupação árdua, que pesquisadores nem sempre conseguem evitar.

A operação de reedição dos volumes dos Livros do Tombo passou por todos esses estágios: contou com uma equipe solidária e competente, liderada por dom Gregório Paixão, OSB, e pelas professoras Célia Marques Telles e Alicia Duhá Lose, vocacionadas para a pesquisa com fontes primárias e engajadas na formação de recursos humanos igualmente comprometidos com o beneditino esforço de recuperação e restauração de documentos; dispôs do apoio do Mosteiro de São Bento da Bahia, que, por mais de uma década, liberou o acesso às preciosidades de seu acervo, além de acompanhar, fomentar e cooperar com a realização de suas metas, e da Universidade Federal da Bahia, que disponibilizou os pesquisadores responsáveis para a execução de estudos, que certamente excediam suas horas de docência e orientação; recebeu suporte das principais agências federais e estaduais da Bahia para alavancar, com bolsas e auxílio, as atividades iniciais e básicas de busca e exploração do material; e, por último, mas não menos importante, encontrou na Petrobras a parceira para financiar a divulgação dos livros impressos e digitais, na esteira do reconhecimento, por parte da Unesco, do incalculável valor do acervo do Mosteiro de São Bento.

4. O resultado é notável, pois oferece ao leitor, seja ele pesquisador, interessado ou simpatizante, dois conjuntos de obras. De uma parte, a edição semidiplomática e fac-similar *on-line*⁴, que, de maneira didática, coloca o usuário perante cada um dos volumes na sua escrita original, cotejada à transcrição para letra de imprensa. Além disso, fornece informações sobre o projeto e a equipe de trabalho, e ainda responde a questões que o internauta menos familiarizado com o tema pode eventualmente ter feito a si mesmo enquanto transitava pelo site.

A edição impressa difere da edição digital, o que significa que o melhor cenário é dispor de ambas. Compõe-se de cinco volumes em papel couché, em capa dura e dimensões de 29,7 cm de altura e 21 cm de largura. O primeiro volume, nomeado Livro de Arte, contém as informações sobre o projeto, fotografias do material original, do Mosteiro de São Bento e de seu acervo, além de primoroso estudo sobre o conteúdo e os discursos dos Livros do Tombo, de autoria de Célia Marques Telles, Alícia Duhá Lose, Marla Oliveira Andrade, Aldacelis dos Santos Lima Barbosa e Livia Borges Souza Magalhães.

A matéria dos livros originais distribui-se pelos demais volumes: o segundo abriga o Livro Velho, o terceiro reproduz o Livro I, o quarto contém o Livro III, e o último divide-se entre o Livro II e o Livro IV. O Livro V não requereu um volume adicional,

4 LIVROS DO TOMBO do Mosteiro de São Bento da Bahia. Disponível em: <<http://saobento.org/livrosdotombo>>. Acesso em: out. 2016.

porque, preparado à sua época para a transcrição de documentos, não chegou a ser utilizado.

O conjunto não é apenas bom; é também belo, e esse adjetivo, que acompanha a arte e dá conta de nossa percepção diferenciada diante de produtos destinados a produzir um efeito estético, não pode ser mais justo para avaliar os Livros do Tombo lançados em 2016. Porque é um tipo de obra de arte que temos diante de nós, o romance que conta a história do Brasil e, em particular, da Bahia e de sua cidade-sede. Lá estão protagonistas de nosso passado, e não em sua versão mítica, mas enquanto seres humanos, históricos e decididos.

Dentre essas figuras, em meio das quais se destacam a família dos Garcia d'Ávila, Gabriel Soares de Souza, Bernardo Vieira Ravasco, Gregório de Mattos, Duarte Coelho e Mathias de Albuquerque, personalidades da história nacional e da literatura brasileira, caberia salientar Catarina Alvares, a Caramuru, como é designada em muitos documentos. Ainda que celebrizada por Santa Rita Durão em seu poema épico, e depois por poetas, ficcionistas e historiadores da literatura (como Ferdinand Denis, nos *Resumos da história literária de Portugal e do Brasil*), a esposa de Diogo Alvares Correia apaga-se à sombra do marido e até da irmã Moema, cujo final trágico rendeu versos e narrativas que se estendem do século XVII à atualidade⁵.

Com efeito, Catarina não experimentou o destino fatal de Moema, Lindoia ou Iracema, o que a coloca na contramão de certa representação da mulher indígena na literatura nacional do passado e do presente. Talvez por isso tenha permanecido em um segundo plano próximo do esquecimento. Os Livros do Tombo recuperam seu protagonismo e induzem a repensar o papel da mulher nativa, de etnia indígena, na história do Brasil desde seus primeiros anos de ocupação e povoamento.

Eis mais um dos tantos méritos compartilhados pelos *Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*, razão por que devemos nos congratular por sua edição, esperando que essa motive novas pesquisas que enriqueçam o patrimônio constituído pela memória cultural de nosso país.

SOBRE A AUTORA

REGINA ZILBERMAN é professora adjunta de Literatura Portuguesa do Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

E-mail: reginaz@portoweb.com.br

5 Cf. RIBEIRO, Maria Aparecida. Moema, um episódio romântico no Barroco brasileiro e suas projeções até os nossos dias. *Veredas 19* (Santiago de Compostela, 2013), p. 71-92.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BILAC, Olavo. A um poeta. In: _____. *Poesia*. Org. Alceu Amoroso Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1959.
- PAIXÃO, OSB, dom Gregório; GONÇALVES, Dênia. Adormecidos no colo de uma estante. In: PAIXÃO, OSB, dom Gregório; LOSE, Alicia Duhá (Coord. geral). *Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*. Editando 430 anos de história. . Salvador: Memória&Arte, 2016, v. I.
- RIBEIRO, Maria Aparecida. Moema, um episódio romântico no Barroco brasileiro e suas projeções até os nossos dias. *Veredas* 19 (Santiago de Compostela, 2013), p. 71-92.